

A SUBSCRIÇÃO PARA OS PESCADORES DE CAPARICA



Só presencendo de perto, como nós presencéamos, toda essa miséria, se póde apreciar a situação deploravel d'aquella pobre gente. Tem-lhe valido, e muito, o bom coração e a actividade profiqua de Jayme da Costa Pinto, a cujo esforço o *Antonio Maria* se associa gostosamente, abrindo no escriptorio da sua administração, rua Nova do Carmo, 90, uma subscrição que inicia com a importancia de 20\$000 réis, e para o desenvolvimento da qual se acceitam quaesquer quantias, por mais diminutas que sejam.

Nos numeros seguintes publicaremos alguns *croquis* interessantes, tirados na costa de Caparica.
Está aberta a subscrição.

Do *Antonio Maria*..... 20\$000 réis

A SEMANA

Anda por ahí tudo ás aranhas, sem atinar com os motivos que levaram o governo a dizer que *não*, depois de ter dito que *sim*, mas nós acabamos de receber pelo estafeta do paraizo uma preciosa correspondencia que põe a coisa em pratos limpos.

Afinal de contas, segundo nos refere o nosso dedicado correspondente, quem impediu o cortejo foi um *Anjo*!

Ao conhecimento do *Anjo* chegára por intermedio do *Diario de Noticias* o programma da festa rija que a cidade projectava em homenagem á memoria d'um vulto nacional que não se guindou muito lá pelas alturas celestiaes, mas que, valha a verdade, sempre fez alguma coisa que se visse em proveito dos que rastejam cá pela terra humilde...

Vae d'ahi, o *Anjo*, teve appetites de presenciar com os seus proprios olhos os preparativos d'essa festa e em tal proposito foi nas vespas do cortejo passeiar a pé pelas vielas de S. Paulo, que se preparavam galhardamente para envergar o seu collete de bandeiras multicores e vestir a sua casaca de tropheus e festões de buxo.

Ora succede que S. Paulo tem-se feito nos ultimos tempos um jacobino destemido; lê o *Seculo* todos os dias e não é raro surprehendel-o algumas vezes de beijo estendido a assobiar a marseleza!

Com isto é que o *Anjo* não contava; *Elle* estava costumado a passeiar apenas pela rua do Ouro, á hora precisa em que os Santantoninhos dos Proprios Nacionais e das Contribuições Indirectas saem do seu nicho e param na rua cobrindo o *Anjo* de benções e de chapelladas. Em S. Paulo não foi assim; ninguém conhecia o *Anjo*, ninguém acreditava, mesmo, que um *Anjo* se dignasse descer até ás abas da terra, e alguém deixou por isso de levar a mão ás abas do chapéu...

Ó diabo, que tal fizeste!

Quando o *Anjo* chegou á porta do Fernandes fogueteiro estava como uma bicha de rabiár...

Deu um vôo para dentro do seu caleche e mandou bater para o setimo ceu, d'onde expediu pela pomba mensageira de serviço um bilhetinho em laços endereçado ao *Padre Eterno*.

O *Padre Eterno*, que estava em Pedrouços tomando banho, enxugou-se a correr, vestiu-se a galope e foi á presença do *Anjo* a toda a brida.

— Ora saiba... principiou o *Anjo*.

— Perdão! interrompeu o *Padre Eterno*; eu sei tudo...

— Saiba então que o Quintão...

O *Padre Eterno* julgando que a conferencia era obrigada a verso respondeu com o favor das musas:

— O Quintão... — é já sabido
De Lisboa a Torres Vedras —
O Quintão vae abrir hoje
Um casco de rachar pedras...

E a conversa, entrando nos rails da metrificacão, proseguiu pelo theor seguinte:

O *Anjo*:

— Que lhe faça bom proveito...
Mas não é d'esse qué eu fallo;
Fallo d'outro, o jacobino
Que tem colchões em S. Paulo...

— Aquelle vil demagogo,
De grande bigode russo,
Viu-me passar pela porta
Sem tirar o carapuço!...

— E o Senhor não se revolta
Contra esta infame pirraça!!!
(O *Padre Eterno* embaçado:)
— Então que quer que eu lhe faça?...?

O *Anjo*:

— Vou dizer-lh'o em palavras laconicas:
Quero a festa desfeita em fanico!
Que não toquem sequer phylarmonicas
E os foguetes não abram nem bico!
.....

E assim se fez. O S. Christovão da policia, chamado á pressa e inteirado do caso, mandou immediatamente dois cherubins disfarçados á paisana a casa do Magalhães Lima intimando-o para não realisar o cortejo.

O Magalhães Lima recebeu os cherubins com toda a urbanidade mas levou a sumitegaria ao ponto de não lhes offerecer para o caminho nem ao menos umas azinhas de pau...



*
*
*

O sr. ministro do reino ganha-lhe rasoavelmente mas ainda assim devemos confessar que na ultima quinzena d'este mez não tem ganho para os sustos...

A entrada do *Saint André* no nosso porto deu tal contracção no intestino grosso do sr. Barjona que até parecia que o microbio já lhe estava tomando contas da sua gerencia na pasta do reino...

O *Saint André* recebera o microbio em primeira mão de bordo do *Saint Marc*, e de balde o sr. Burnay — que é o santo protector das nossas finanças — protestou que as fazendas do *Saint Marc* e do *Saint André* tinham sido desinfectadas em *Saint Nasaire*. O sr. Barjona não quiz lá saber de Santos e poz-lhes os quartos fóra da barra, mandando-os para os quintos dos infernos.

Mas, ainda bem s. ex.^a não estava socegado do susto que o *Saint André* lhe pregara com o microbio e já o S. Paulo a que acima nos referimos lhe andava a metter medos com a cabeça da hydra! Até parecia que estavam apostados contra o sr. ministro todos os santos e santas da côrte do ceu!

Então s. ex.^a, na impossibilidade de mandar pôr o S. Paulo fóra da barra momentos antes da manifestação popular, mandou pôr de prevenção, em todos os quarteis e em todas as gavetas, tanto as tropas de linha, como as ceroulas de linho...

As primeiras não chegaram a sair do seu posto, mas outro tanto não poderemos talvez dizer a respeito das segundas...

*
*
*

O sr. general Moreira, commandante das guardas municipaes, e cuja espada heroica se desembainha com a mesma facilidade com que se desembainha um lenço embainhado a ponto de cadeia, acutilou o povo na praça de Luiz de Camões. O sr. general escolheu aquelle ponto para o seu baptismo de guerreiro, na esperança certamente de que o nosso grande epico, impressionado com tanta bravura, o addicionasse aos varões assignalados da occidental praia lusitana.

Ora descançe, que se o Camões lhe fizer a injustiça de não o cantar na sua lyra, o povo o cantará um dia ao som do bordão... da guitarra nacional...

Porque, de facto, o sr. general Moreira é o mais bravo que se póde ser; bastou que o povo batesse palmas em honra de Magalhães Lima, para que o sr. general accudisse immediatamente com uma bravura sem precedentes...

Que esse systema de acudir quando lhe batem as palmas tem o inconveniente de confundirem alguma vez o sr. Moreira com o guarda nocturno da freguezia...

O sr. Polycarpo, tambem molhou a sua sopa no mesmo prato do seu digno superior.

Mas o procedimento d'este, ao menos, explica-se claramente:

O Polycarpo de farda,
Brandindo a rija catana,
Quiz mostrar não ser na guarda
Um Polycarpo... Banana...

Um dos mimosos da existencia contemplado pelas caricias da policia civil foi o conhecido passarinho da rua Nova do Almada.

Diz, pouco mais ou menos, um sabio proloquio, que ninguem faça mal na esperança de que d'ahi lhe venha o bem, e não ha coisa mais verdadeira...

O homem que tem passado a sua vida a engaiolar passaros e a vender gaiolas de arame, lá foi por seu turno engaiolado no calabouço do governo civil, e com uma tarefa que o deixou por arames...

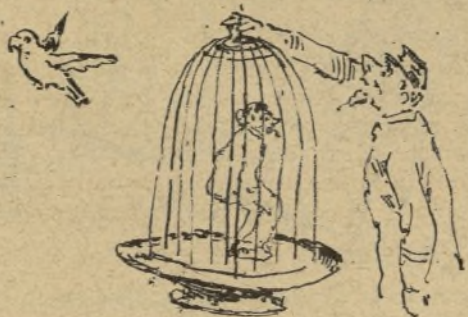
E tudo porque?

Segundo diz a parte policial, por querer arrancar a pera, não sabemos se madura, d'um policia inquestionavelmente maduro...

Pois agora é que elle tem para pêras...

Que o caso, em verdade, não deve custar-lhe lá muito; quem está costumado a lidar todo o dia com tanta penna de passaro, não póde estranhar muito as penas impostas em juizo...

Diz-se que vae ser dada querella contra o policia que aggredu o pobre passarinho; mas, como este, ao que asseguram, é tão regenerador como o proprio sr. Fontes, será muito provavel que o juiz do processo passe uns poucos d'annos a empalhar tempo, assim como o auctor da causa tem passado toda a vida a empalhar passaros...



PAN.

MAIS UMA CAIADELLA

Esta cidade *palurdia*
Anda em continua balburdia;
O som do martello aturde-a.
Logo ao romper das manhãs.
Como o microbio presinta
Toda se caia e se pinta,
Vendem-se arrobas de tinta
No Pimentel & Quintãs!

De se pintar d'alvaiade
Bem precisava a cidade,
Que a triste, valha a verdade,
Era um perfeito mondongo!
— Inda hontem, no doce officio
De caiar um frontespicio,
Vi o par esponsalicio...
Da D. Amalia do Congo!... —

N'esta febre de barrella,
A casa do Mesquitella
Tambem levou caiadella
Desde o telhado ao sopé;
E, graças ao mestre trolha,
Vê-se agora nova em folha,
Formosa como uma *polla*
Em noite de salcifrê.

Ella, que estava tão velha,
Levou concerto na telha,
Mostra-se fresca e vermelha
Como uma rosa em abril...
Assim, co' aquella demão,
Parece a casa em questão
Uma segunda edição
Do joven conde gentil!

Causava pena deveras,
Ver-lhe as paredes austeras,
Deixadas de antigas eras
P'ra ali n'um triste abandono...
Agora, moça, faisca!
D'entre as carcaças se risca;
— Pintou-se, seguindo á risca
As tradições do seu dono...

PAN.



O Bello de Moraes inventou um bailéo com que ultimamente fez experiencias muito lisongeiras no edificio do banco de Portugal. O bailéo ainda lá está em exposição, mas o curioso é que, nas obras a que se está procedendo no mesmo, edificio se emprega outro andaime, de pinho tosco e de apparencia tão *periclitante* como as instituições que nos regem. Faz lembrar o sujeito que tinha o par de chinellas bordadas debaixo d'uma redoma de vidro e que andava toda a manhã descalço de pé e perna.

A HOMENAGEM PRESTADA À MEMORIA DE FERNANDES THOMAZ



Hurrah pelo povo de Lisboa!



O POVO RECONHECIDO

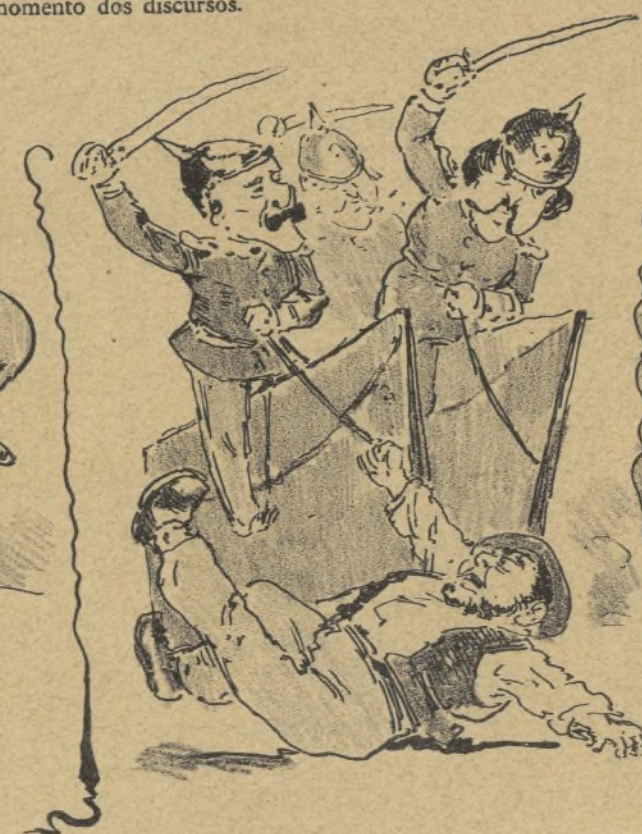


Sobre alfinetes.

Aspecto do cemitério no momento dos discursos.



Representantes da imprensa das provincias. Um aperto de mão a todos e um chi-coração muito apertado a Emydio d'Oliveira, Jayme Filinto e Costa da Folha Nova.



O aspecto do governo quando se trata de celebrar a memoria d'um heroe.



A figura do mesmo governo quando se transfere alguma senhora para Carnaxide.

RECORDAÇÕES DAS CALDAS



O conselheiro Pimentel não consentiu que no passeio da copa se effectuasse uma corrida de burros.

Quando lhe foram pedir licença para essa diversão o conselheiro respondeu com fallas mansas:

— Na copa, não senhor; na copa ninguém corre se não eu.



O dito conselheiro, que é a sereia da copa, como muito



bem lhe chama um articulista, vae agora vestir-se á hespanhola no intuito de se tornar agradável para com as famílias salerosas que ali estão a banhos.



OLE - OLE

SALERO



Pimentel não quer preguinhos
Pimentel não quer pregar
Pimentel ama as paredes
Pimentel não quer furar,

As paredes, os estuques,
E deita uns olhar's soslaio
Se lhe dizem: — nas escapulas
Penduram-se os papagaios

Dos candieiros de lata
Invento de monsieur Pona
Que dão a luz tão brilhante
Debaixo do céu de lona.

Querer's tu oh Feliciano
Nas paredes ir pregar
Preguinhos e mais preguinhos
E para que? Para ornar

Uma sala vasta e bella
Arranjada d'empreitada
P'ra dar jantar ao sor Chagas
E que estava bem caiada!

Pimentel temia — o pobre —
D'embirra fazer *carinha*
Ao ver pregos na parede
O ministro da marinha.

Ao vêr tal, era o diabo,
Chagas irado, diria:
Pregos alli na parede?
Conselheiro — a economia?

Onde está que quero vel'a?
Pregos alli? Ah! tyranno!
Quem fez isto? Diga já!
— « Foi o cruel Feliciano,

« O irmão do Raphael
« Qu'é p'ra mim horrenda harpia.
« Pintou-me a servir o chá
« No seu Antonio Maria.

« Elle rala-me, atormenta-me!
« Hade matar-me por fim!
« Té me chama, o atrevido,
« Senhor Conselheiro Pim. »

P'ra que tal não succedesse
O Pimentel não deixou
Pregar pregos na parede
E por fim... ninguém pregou.

Pimentel não quer preguinhos
Direitinhos ou cambaios;
Nas paredes, só escapulas
P'ra pendurar papagaios.

Disse, está dito, acabou-se,
A todos desagradou.
Mas que querem? É feio
Em embirrando, embirrou.

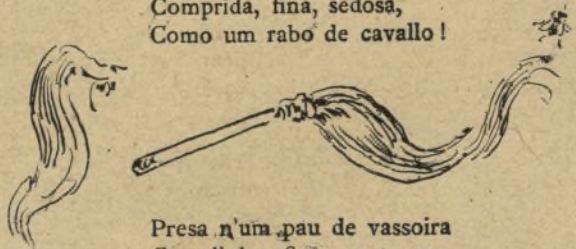
Só podia resolver-o
P'ra isto bem acabar
O ministro da marinha
Pedir p'ra os pregos pregar.

ZERO.

A PÊRA DO POLICIA



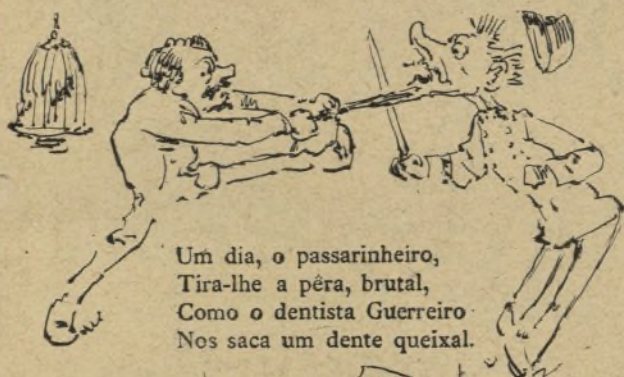
Tinha uma pêra formosa
E farta que era um regalo!
Comprida, fina, sedosa,
Como um rabo de cavallo!



Presa n'um pau de vassoira
Com linhas finas ou toscas,
Dava aquella pêra loira
Um soberbo enxota-moscas...



Pondo-lhe lustro com cera,
Cebo de Hollanda ou azeite,
Andava á roda da pêra
Um cento de amas de leite!



Um dia, o passarinhoiro,
Tira-lhe a pêra, brutal,
Como o dentista Guerreiro
Nos saca um dente queixal.



O triste mette-se ao canto,
Põe-se a chorar, que não pôde
Seccar nos olhos o pranto
Vendo viuvo o bigode!

N'isto uma ideia fulgiu
Na cachimonia do guarda:
Corre direito ao Rocio,
Compra uma pera bujarda!



Mas uma só fôra pouco
P'ra passeiar n'essas ruas...
Tem nova ideia no côco
E em logar d'uma põe duas!

— Não vão faltar-lhe conquistas
Desde Lisboa á Azambuja,
As bellas deitam-lhe as vistas
P'ra a bella pêra á maruja...—



Das pêras torce os dois pés
Em caprichosos cornichos,
E vae, com finos gagés,
Direito ao parque dos bichos.

D'uma conquista na esteira
Enceta ameno cavaco,
Co'uma formosa sopeira
Que estava vendo um macaco.



Diz-lhe em vulgar palavrório
Que amor lançára-lhe a setra,
Promette o bello casorio,
E tal, e coisas... etc...

O macaco, que o não perde
Co'a vista gulosa, estrabica,
Repara que a pêra é verde
E pegada a gomma arabiça!



Então, saltando com p'ricia,
Estende a mão p'lo postigo,
Arranca a pera ao policia
E em breve chama-lhe um figo!

— Vejam, senhor's! brada o guarda,
Como é ousado este mono!
Lamber a pêra bujarda
Nas proprias barbas do dono.

PAN.

DÁ CÁ O SOLDADO E TOMA LÁ O SALDO



É mister trazer bem pago
 Quem nos cae sobre o espinhaço;
 O povo esportula o bago,
 A tropa faz-o em bagoço.